Valor ECONÔMICO

Imprimir ()

25/06/2014 - 05:00

Saldo negativo no setor é nova 'dor de cabeça' na área externa

Por **Denise Neumann**

O déficit crescente nas relações do Brasil com o exterior na área de serviços pode se tornar uma nova dor de cabeça para as contas externas do país. No ano passado, o déficit nesse segmento específico ultrapassou 2% do Produto Interno Bruto (PIB) pela primeira vez e, pelo segundo ano consecutivo, superou o resultado negativo da conta de rendas (as remessas de lucros e dividendos para o exterior). Essa situação se manteve nos primeiros cinco meses deste ano e o déficit em serviços foi 17% maior que o de rendas.

Os dados sugerem uma mudança no padrão do que vinha pressionando a balança de transações correntes do país. Em 2005, o déficit na conta de rendas representou 3,9% do PIB, percentual que foi de 1,8% no ano passado. Na conta de serviços, o saldo a favor do exterior representou, naquele ano, 1,25% do produto brasileiro. A terceira parte da mudança é a perda de dinamismo na balança comercial.

O Brasil encerrou 2013 com um déficit de transações correntes de 3,6% do PIB, bem acima do déficit de 2,4% de um ano antes. No resultado negativo, a principal responsabilidade veio da piora na balança comercial. A deterioração em serviços veio na sequência, com um resultado 15% pior e que somou US$ 47 bilhões.

"O aumento da importação de serviços não é um problema, se ele ajudar a alavancar o crescimento do PIB", pondera o professor Jorge Arbache, da Universidade de Brasília e assessor da diretoria do BNDES, que acabou de escrever um pequeno trabalho sobre o aumento crescente do déficit em serviços, e se ele é um risco ou não para o país. Olhando para os dados tanto da balança de serviços como das próprias exportações de bens do país, o professor da UnB encontrou evidências de que o aumento da importação de serviços está muito mais associada ao consumo final e ao mercado interno.

Entre os setores, as principais pressões sobre o Brasil são as viagens internacionais (onde o déficit é forte por turismo das famílias e não de negócios), com saldo negativo de US$ 18,4 bilhões no ano passado, e o aluguel de equipamentos, com US$ 19 bilhões de déficit. Nesse setor, a exploração crescente de petróleo no pré-sal deve pressionar o segmento devido à política brasileira de produzir plataformas no país e "exportá-las" para subsidiárias da Petrobras.

A preocupação de Arbache é que a conta de serviços tende a ser crescente e o modelo atual de crescimento no Brasil não traz sinais de agregação de valor nem nesse setor, nem na indústria. O diretor-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e Globalização Econômica (Sobeet), Luis Afonso Lima, também olha com apreensão para o crescente déficit na balança de serviços e sua composição. "Em áreas onde o Brasil ia bem, como serviços profissionais, ainda temos superávit, mas ele diminuiu", diz.

Lima também observa que o fluxo de investimento direto estrangeiro para o Brasil nos últimos anos tem privilegiado setores de serviços, mas o foco é principalmente o atendimento da demanda doméstica, como projetos imobiliários, atividades do varejo e seguros, entre outros. No ano passado, o setor de serviços absorveu

48% do ingresso de investimento externo para participação no capital, dos quais 35% foram apenas para dois setores totalmente dirigidos para o mercado interno - comércio e imobiliário.

A professora Lia Valls, pesquisadora do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (Ibre-FGV), observa que o déficit em serviços tem caráter "estrutural" em vários segmentos, como informática, pagamento de royalties, serviços audiovisuais, além dos conhecidos gastos de turistas no exterior e o aluguel de equipamentos. Na outra ponta, onde o Brasil tem superávit, como o fornecimento de serviços técnicos e profissionais, o volume é pequeno para fazer contraponto às demais despesas.

Para Lia, a baixa produtividade do Brasil no setor de serviços acaba aumentando a importação em vários segmentos, como área de design, inovação, desenvolvimento de softwares. "O país precisa descobrir onde ele pode ter vantagens nessa área e explorar esses mercados", diz.

Lima, da Sobeet, lembra que a teoria econômica aponta que a "luz amarela" do déficit de transações correntes acende quando ele ultrapassa 3% do PIB, o que voltou a acontecer no Brasil no ano passado. Mas a preocupação com esse "número mágico" depende do que está provocando esse resultado negativo. "É preciso identificar se o que provoca o déficit de hoje pode gerar produção ou a agregar valor em um segundo momento e, assim, contribuir para revertê-lo", acrescenta. No caso do Brasil, diz, essa possibilidade não parece colocada.

Lia pondera que a Copa do Mundo pode ajudar o Brasil na parte de viagens internacionais, pois pode abrir espaço para um maior e mais constante fluxo de turistas internacionais.

Arbache olha para todo quadro com mais preocupação, pois avalia que os serviços ficam cada vez mais sofisticados em todo o mundo e permitem agregar valor em outros setores, como a indústria. "Nesse sentido, o Brasil anda na contramão", afirma.